

CRÍTICA LIVRO | A CARNE

POR **OLGA DE MELLO** - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Uma gula danada



Walter Craveiro/Flip



Rosa Montero em sua passagem pela Flip 2025. Seu romance mais recente, 'A Carne', chega ao Brasil

também a se recordar de trágicas histórias de amor de diversos escritores – algumas delas já reunidas por Rosa Montero no livro “Paixões” (Ediouro, R\$ 37,90). Em um divertido capítulo, a própria autora “aparece” na trama, conversando com Soledad. É descrita pela curadora como alguém “com uma pressa desajeitada”, que toma conta “do espaço inteiro: o casaco, a bolsa e o cachecol espalhados por toda parte, o celular, os fones de ouvido e uma pequena pilha de livros espalhados sobre a mesa” de um bar onde ambas se encontram. Soledad repara que Rosa veste “roupas da Zara ou algo pior, de uma daquelas lojas de departamento fajutas para adolescentes”, embora não fosse “uma jovenzinha, por mais que quisesse se vestir feito uma”.

Como outros livros de Rosa Montero, “A carne” incita a uma degustação de glutão em churras-caria. A leitura, que me tomou apenas um dia e meio, pois é daquelas que provocam ansiedade no leitor a ponto de largar tudo para se isolar no universo melancólico de um personagem em pleno processo de envelhecimento. Talvez o romance não combine com a contemporaneidade, tão fragmentária, tão difusa, sempre interrompida pela realidade de chamados pelo telefone celular, como se a vida fosse um compromisso incessante de dedicação ao outro. Vale a pena se desligar do mundo para pensar nele sob a ótica de Rosa Montero.

Como se dizia quando eu era criança, fiz uma gula danada para não acabar muito rapidamente “A carne” (Todavia, R\$ 84,90), da Rosa Montero. Há alguns anos, essa espanhola me toca diretamente com seus livros. Cheguei a afirmar que sentia a impressão de ela que escrevia “para mim”. É que Montero reflete sensações com-

partilhadas por gente madura/velha/vivida nesta época de constantes fugas.

Em outros tempos, dificilmente o leitor entenderia a imaturidade da protagonista do romance, Soledad, de 60 anos, uma respeitada curadora de exposições de arte. Nesta época em que a pulsão juvenil se eterniza, Soledad vive uma tremenda dor de cotovelo depois de ser deixada por um homem casado, duas décadas mais

moço. Em busca de uma cura para a fossa, ela se dispõe a enciumar o ex, contrata um belo jovem para acompanhá-la à ópera, e acaba se apaixonando pelo rapaz.

Ainda que Soledad tenha experiência suficiente para não se iludir pelo encantador escort, ela cai nos jogos de sedução do bonitão, que nem sempre cobra por seus serviços sexuais. Embora viva confortavelmente, Soledad não pode dispensar contratos

de trabalho que incluem a convivência com gente medíocre e pretensiosa. Intuí que seu padrão de vida seja superior ao carinhoso Adam, que jamais esconde continuar atendendo a uma clientela vasta de mulheres.

Ao se perceber apaixonada pelo acompanhante, Soledad aumenta os cuidados com o corpo para evitar as marcas da idade, refletindo sobre a angústia da finitude. O relacionamento a leva

NA ESTANTE

POR **OLGA DE MELLO**

O ARCANO DA REPRODUÇÃO

Clássico do feminismo italiano, a obra de Leopoldina Fortunati chega ao Brasil 45 anos depois de lançado, tratando, no entanto, de questões ainda bastante atuais para as mulheres, como a responsabilidade pelo trabalho doméstico e a obrigação da maternidade. Embora parta da perspectiva marxista do processo de reprodução – a produção de indivíduos que servirão de força de trabalho – há uma revisão e ampliação desse conceito cunhado por Marx e a rejeição da visão leninista de que o trabalho doméstico é improdutivo. A discussão sobre valores e papéis sociais se integram à análise da função feminina que perdura e submete mulheres à baixas remunerações enquanto profissionais. (Boitempo, R\$ 88)



Divulgação

O OUTRO LADO DO JOGO

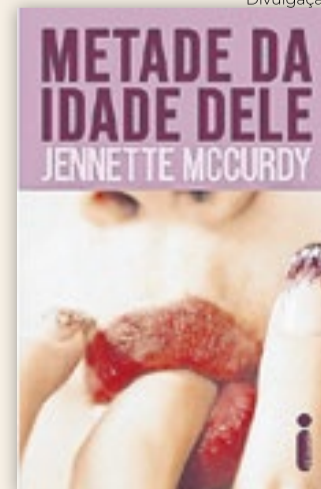
O uso político do esporte mais popular do mundo por governos interessados em fortalecer o nacionalismo é um dos aspectos analisados por Adriano de Freixo. Se na Era Vargas é iniciada a campanha que promove o futebol a fator de identidade brasileira, outros regimes autoritários como o franquismo espanhol e o salazarismo português, também aproveitaram a paixão pelo esporte para a manipulação política, influenciando, notadamente, o resultado de eleições. Paralelamente ao futebol transformado em ferramenta geopolítica, a Fifa ganha poder, determinando modificações até no público de estádios, cujas reformas alteraram os preços dos ingressos, restringindo seus espaços às elites. (Ação Editora, R\$ 44,90)



Divulgação

METADE DA IDADE DELE

A primeira incursão da ex-atriz mirim Jennette McCurdy na ficção parece ter mergulhado nas águas da telessérie “Euphoria”, dominada por jovens entediados, sem juízo e com um pé na criminalidade, seja por consumo de drogas ou comportamento socialmente condenável. Os adultos deste romance também são casos exemplares da inconsequência, como o professor casado que se deixa seduzir pela adolescente Waldo ou a mãe da menina, que deixa a filha de lado pois vive em função de seu namorado, violento e indiferente a ela. No universo desses personagens, todos os relacionamentos se revelam tóxicos e inadequados. (Intrínseca, R\$ 46,90)



Divulgação